



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira, F. Pains; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Joaquim Lima;—*Historia de um conde antigo*, por Alberto Pimentel;—*Longe do sol*, versos, por Alberto Osorio de Castro;—*Mendes Leal*, por Pinheiro Chagas;—*O Christo*, por Nar-

cizo Alberto de Sousa;—*Estudos litterarios (A marcha funebre de Chopin)*, por D. Guiomar Torrezão;—*Pobre Maricas!*, conto, por Delphim Guedes;—*As nossas gravuras*;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*A morte do Laranja*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*A ceia do Senhor*;—*O portico de Jerusalem*;—*A descida da cruz*;—*Jesus Christo*;—*A resurreição*.



A CEIA DO SENHOR

CHRONICA

Ao fundo o Altar, e sobre o Altar o Christo. Em torno, a multidão que implora e crê, a multidão que sofre mas espera. Collado ao guarda-vento, n'uma attitude abstracta, silencioso, inutil, um sonhador com pretenções a philosopho, um espirito iluminado pelo estudo, um cego, eu.

Onde está Deus, emfim?

Ao longo da piedosa nave, onde a Egreja Catholica Romana commemora a semana pungente do Calvario, sobre a cabeça de Martyr, junto do labio dos crentes, dentro da alma do hereje, onde é que existe a Razão?

O' Christo, eu comprehendo a tua lucta, creio muito na tua origem divina, acredito profundamente na lealdade da tua philosophia. Dá-me, porém, que vacille, ao meditar na efficacia terrena da tua missão redemptora.

Deus não o quiz.

E não se julguem gratuitas as duvidas que tenho sobre a correcção de maneiras com que actualmente se apresenta a humanidade redimida.

E' que eu ouvi um sermão, capaz de arrancar lagrimas ao proprio dr. Thomaz de Carvalho, que, aliás, tem o mofino habito de não entristecer, antes pelo contrario, em face das parvoices do proximo. Um sermão extraordinario, unico, uma torrente de destemperos capazes de abalar as mais sagradas abobadas! Até sonhei com o prégador. T'arrenego!

Pelas ruas, onde, durante a semana da tristeza, passeiou alegremente a população inteira de Lisboa, atrevo-me a afirmar que vi quizenas positivamente a pedir chuva, muito além da pequena quantidade que n'esses dias cahiu. Havia preto côr de pinhão, preto azulado, preto de todas as côres. E riam-se uns dos outros, os patuscos!

De resto, ninguem me deu amendoas, circumstancia que foi muitissimo aggravada pela outra, ainda mais acerba, de toda a gente m'as ter pedido. Até um boletineiro que, durante o anno todo, apenas uma vez me trouxe um telegramma, até esse, aproveitando a coincidencia fortuita de se ter dado o facto na semana santa, me impingiu, com um sorriso adoravel, o seu bilhete de visita.

Dei-lhe um tostão. Fui um tolo.

Felizes d'aquelles que, presentindo a tempo as inconveniencias da estação, prepararam muito á pressa as respectivas malas, e foram passar fóra de portas estes quatro dias inventados pela samsaboria para penitencia da cidade.

Tanto mais que, actualmente, são estas coisas facilimas. Despede-se a gente dos amigos e vae a Cintra. A vapor.

O progresso, ultimamente, anda a fazer prodigios. Nunca o suppez capaz de semelhante cousa.

Caminho de ferro para Cintra é, na verdade, encantador. Ida e volta oito centos réis; isto em primeira classe, á fidalga. Outro tanto para o jantar, e aqui param as despesas. Queijadas para a familia não é possivel trazer, porque se perde o comboio. Nem sequer mais um vintem é preciso para um copo d'agua, que é cousa que não entra na estação. Os empregados não bebem agua, e quando os passageiros se lhes dirigem, com a lingua de fóra, mandam-os á Sabuga.

Na quinta feira esteve em Cintra meio mundo; n^o dia seguinte esteve lá o resto. Os comboyos levavam quantas carruagens as locomotivas comportavam, e as carruagens quanto a sardinha em tijella permittia. Todos porém se accomodavam, conforme a occasião era servida, e todos, ao cabo de algum tempo davam, entrada na poetica villa, que chegou a contêr tanto povo como gafanhotos o Egypto.

Adeus, encantadora Cintra! Já não dou nada por ti. Vem perto o dia em que todo esse encanto do teu aspecto teimosamente campesino ha-de, com magua tua, abandonar-te. Não ha nada mais inimigo da natureza de que o homem, e o homem dá o cavaquinho por uma viagem commoda ja preços reduzidos. A civilisação dá-se perfeitamente com o vapor, e tu, delicioso bosque, vaes ser civilisado.

Por isso te visitei, minha saudosa amiga, logo aos primeiros dias em que a locomotiva trabalhou para os teus lados. Presinto que, na terça feira passada, te vi pela derradeira vez.

Gostei da viagem, no entanto, que nunca tinha feito tão commodamente, nem tão rapidamente. Em tudo isso havia, sobre tudo, o encanto da novidade, ainda mesmo no momento em que, passando n'aquelle tunnel enorme que atravessa sob o cemiterio dos Prazeres, eu tinha muito o receio de que os meus olhos profanassem as entranhas dos meus antepassados.

Na terça feira, logo que lá cheguei, disse-me a tia Mathilde, uma queijadeira muito sympathica e um quasi nada roliça, cujo quartel general é actualmente na Estephania (onde não ha evital-a) disse-me a tia Mathilde, com uma tristeza que me encheu de jubilo, que em Cintra não estava ainda ninguem.

Ninguem! Que harmoniosa palavra, que idyllio, para quem, como eu, levava n'aquelle dia dilatadissima a bossa da solidão e do mysterio!

Lembro-me bem do desanimo que essa declaração produziu em dois estroinas que me acompanhavam. Elles, que tinham já contado com uma torrente de aventuras exquisitas, sentiam-se desfallecer em face d'aquelle *ninguem* quo, aliás, infelizmente para mim, na bocca infiel de uma queijadeira, exprimia muito mais a pequena sabida das queijadas, de que a ausencia absoluta de pessoa humana.

Chovia. Dir-se-hia que a natureza se dispunha a vir chorar saudades, commigo, que, bem pelo contrario, levava o coração repleto d'esperanças.

Cahiu depois sobre nós uma verdadeira praga de burros, que á força de encontrões e d'outros argumentos, queriam levar-nos a toda a parte, mediante insignificantissimas esportulas, metade das quaes seriam para o animal que cavalgássemos, sendo o resto para o outro que nos devia acompanhar.

Que nos desculpassem, que não tínhamos maior urgencia, que não sabiamos equitação, que não levavamos comnosco nem cinco réis furados... Form-se.

Cintra, porém, lá estava, a minha velha amiga, a eterna acariciadora de todos os meus sonhos, o poetico refugio onde mais tarde, naturalmente em balde, eu hei-de procurar o scenario predilecto das minhas phantasias, desfeitas amanhã, quem sabe? ao violento soprar dos desenganos, sepultas para sempre de sob os gelos da idade.

Campo de Setiaes, adeus! Já não vem longe o dia em que, do palacio para a estrada, hão-de estabelecer-se carreiras de americanos. Presinto já o movimento de um buffete em torno do Penedo, sobre o qual, na terça feira ainda, pronunciei uma apostrophe violenta, que, diga-se a verdade, o espaço recebeu com uma cara de tolo e um sangue frio insupportaveis.

Cintra poetica, adeus!

HISTORIA DE UM CONDE ANTIGO

Temos deante de nós um livro impresso em 1741 e intitulado —*Instrucçam que o conde de Vimioso Dom Joseph Miguel Joam de Portugal dá a seu filho D. Francisco Joseph Miguel de Portugal, fundada nas acções moraes, politicas e militares dos Condes de Vimioso seus ascendentes.* (Lisboa Occidental, na officina de Miguel Rodrigues, impressor do Eminentissim Cardeal Patriarcha)

Todo este livro está escripto n'uma deliciosa linguagem familiar, deliciosa principalmente pela singelesa elegante da phrase.

Tratando do terceiro conde de Vimioso, D. Francisco de Portugal, conta o auctor da «Instrucçam» que, acompanhando a Africa D. Sebastião, ficára captivo em Alcacerquibir, sendo levado para Marrocos, «onde estando captivo por espaço de um anno, soube ser magnifico no mesmo estado de pobreza.»

Logo veremos que a pobreza do terceiro conde de Vimioso bastaria a locupletar actualmente duas pessoas pelo menos: o leitor e eu.

Não se esquecendo nunca de que escrevia para seu filho, o auctor da «Instrucçam» passa rapidamente por uma das aventuras romanticas, das muitas que accidentaram a vida do seu ascendente.

Diz elle pois com grave moderação:

«Repartiu infinitas esmolas, deu mesa publica a todos os captivos sem distincção, e resgatou mais de cem pessoas á sua custa.

«Por estas virtudes foi amado summamente dos mesmos barbaros, e até «com amor menos sincero da sobrinha do imperador de Marrocos.»

«Chamado uma vez pelo mesmo imperador, e receiando que lhe fizesse alguma tyrannia pela paixão do ciúme, como bom catholico se confessou para morrer.

«Enganando-se n'esta apprehensão, antes recebendo muitos favores d'aquelle Principe, regeitou heroicamente a liberdade, que elle lhe offereceu em obsequio d'el-rei de Castella, respondendo que elle era portuguez, que em Portugal reinava el-rei D. Henrique, e que só pela sua real intervenção acceptaria a liberdade, mas esta, com que respondeu, foi melhor que aquella, que lhe offereciam.

«Passando logo de fiel a liberal, buscou ao outro dia vinte mil cruzados, que o barbaro lhe pediu pelo seu resgate, e entregando-lh'os, sahio da sua presença favorecido, e do captiveiro airoso.»

Apesar da sua pobreza, D. Francisco de Portugal, não sendo ainda senhor da casa, resgatou em Tetuan muitos captivos, sendo vinte d'elles pessoas illustres. Não tem pois rasão o auctor da «Instrucçam» para dizer: «Parece incrível que só em Africa dependesse mais de cem mil cruzados...» Não parece incrível, não, que o dinheiro, sobretudo em mãos prodigas, parece escapar-se por entre os dedos.

D. Francisco de Portugal, acompanhado do numeroso sequito dos que libertára, passou a Ceuta, de Ceuta a Gibraltar, e de Gibraltar a S. Lucar, onde o duque de Medina Sidonia lhe fez uma recepção pomposa, e o quiz persuadir do direito do rei de Castella á corôa de Portugal.

O conde de Vimioso respondeu que se recolhia a Portugal, cuja paz e gloria antepunha muito ás fortunas da sua casa.

Fallecido o cardeal D. Henrique, D. Francisco de Portugal pronunciou-se em favor de D. Antonio, Prior do Crato, o bastardo do infante D. Luiz, e acclamou-o em Santarem.

Esteve na batalha de Alcantara pelejando com menos de quatro mil homens de gente collecticia contra os vinte mil, disciplinados, do duque d'Alva. Apesar de ter ficado ferido na testa, acompanhou o Prior do Crato ao Porto, onde se despediu d'elle, recolhendo-se á provincia da Beira.

Soube porén ahi que D. Antonio fugira para França e propoz-se ir buscar-o, atravessando a Hespanha com o nome de Trivulcio e em trajo de italiano.

Fez esta viagem acompanhado de seis criados, o que não era por certo circumstancia muito conveniente ao dirfarce. Um Trivulcio aventureiro, com seis criados, dava por força nas vistas. E deu. Na Catalunha, um castelhanos reconheceu-o. Mas o conde obstou a que os criados o matassem Por cautela, levou-o consigo. Vamos vêr que não fez bem. Em Colibre, estando o castelhanos a jogar, e tendo perdido quantias avultadas, duvidaram os outros de que elle tivesse com que pagal-as. Então o castelhanos respondeu altivamente que pediria ao conde o dinheiro que perdera. D'este modo, denunciou-o. Pelo que o conde correu grande risco de ser preso, tendo que salvar-se n'uma sétia.

No mar encontrou uma galeota de mouros, mas d'este perigo, diz o biographo, as mesmas embarcações castelhanas que injustamente o perseguiram, involuntariamente o livráram.

Chegando a Marselha, soube que D. Antonio estava a quinze leguas de Paris. Vestiu cem homens á tudesca, armando-os de alabardas, e foi ter com elle. Que pobreza!

Avistando-se com o Pretendente, fez um simulacro de accla-

mação, e dizendo-se embaixador de D. Antonio, foi entabolar negociações com a regente de França, Catharina de Medicis.

Entretanto Philippe II confiscára-lhe a casa, e levára-lhe a mãe com sete irmãs do conde, para Hespanha, encarcerando-as no castello de S. Torcaz.

Mas o dinheiro de D. Francisco de Portugal chegava para tudo!

Na côrte de França sahiram-lhe ao encontro varias tentativas de suborno por parte de Philippe II, mas o conde de Vimioso, não lhes dando ouvidos, dirigiu-se para Inglaterra a conferenciar com a rainha Izabel.

E não perdeu o tempo, porque obteve da França sessenta naus e da Inglaterra trinta.

Mas enquanto a armada se preparava, voltou a Paris onde, junto do Prior do Crato, pompeou em bizarras prodigalidades.

Tendo comprado um cavallo ao duque de Nevers por mil escudos, mandou-lh'o o duque montado pelo seu estribeiro, depois de haver dito ás pessoas da sua mesa que decerto o conde não ficaria com elle por demasiadamente caro.

D. Francisco de Portugal soube isto. Quando o cavallo chegou, examinou o; depois disse ao estribeiro que tornasse a montar, entregou-lhe os mil escudos para o duque, e deu-lhe a elle o cavallo.

Fidalga lição, que não sahio barata!

A armada, tendo recebido a seu bordo o Prior do Crato e o conde de Vimioso, navegou para os Açores. Mas defronte de S. Miguel encontrou a armada castelhana, commandada pelo marquez de Santa Cruz, primo do conde.

Receiando pela segurança de D. Antonio, o conde de Vimioso aconselhou-o a recolher-se á Terceira. E ficou elle empenhado no combate com grande valor. Mas o mestre do seu mesmo navio, chamado o Negrão, feriu-o pelas costas com uma alabarda, e deu com elle mal ferido sobre o convex.

O marquez de Santa Cruz mandou-o buscar para bordo da sua nau e, como o visse ainda apegado á causa de D. Antonio, acabou-o com peçonha a 26 de julho de 1582. O seu cadaver foi lançado ao mar.

Todavia D. Francisco de Portugal tivera meio de mandar dizer por um criado ao Prior do Crato que fugisse para França, porque tudo estava perdido.

Encarecendo as qualidades do seu ascendente, diz o auctor da *Instrucçam*:

«Sendo mui favorecido das damas, e fazendo-lhe versos mui cortezãos, nunca se soube nada que offendesse a sua modestia.

«Foi sciente na lingua hebraica; e não só fallou, mas escreveu com elegancia na grega, latina, franceza, italiana, castelhana, e materna: e em todas ellas compoz um soneto, que anda traduzido na portugueza por Fernando Alvares do Oriente, auctor ds *Lusitania Transformada*.

«Foi excellente cavalleiro, e toureiro; e nas festas d'aquelle tempo levou sempre as acclamações.

«Jogou a espada, e exercitou a pintura com grande destreza.

«Teve estatura alta, muita proporção no corpo, e a gentileza no aspecto, que se via em um retrato semelhante, que muito tempo se conservou na sua familia.

«Não foi casado, e só cuidou na posteridade do nome.»

Até aqui o auctor da *Instrucçam* que procurava escrever convenientemente para ensinamento do filho, tocando por isso ao de leve nos pontos melindrosos.

(Continua)

ALBERTO PIMENTEL.

LONGE DO SOL

(AO DR. SÁ FERNANDES)

Em um vaso gentil de porcelana fina,
Uma anémoma abria as pétalas mimosas
Na perfumada alcova honesta e pequenina,
Onde á noite sonhava uns sonhos côr das rosas
Essa linda mulher tão loira e tão franzina.

E, semelhante á flôr que n'uma jarra fina
Abria, tristemente, as pétalas mimosas,
Na perfumada alcova honesta e pequenina
Assim se definhava a doce irmã das rosas,
Essa linda mulher tão loira e tão franzina!

(Das Verbenas.)

ALBERTO OSORIO DE CASTRO

MENDES LEAL

I

O *Diario de Noticias* acaba de distribuir em brinde aos seus assignantes um interessantissimo volume que se intitula *Mendes Leal—Memorias politicas e litterarias*. E' escripto pelo sr. Brito Aranha, consciencioso investigador, que está seguindo brilhantemente a senda aberta pelo illustre e saudoso Innocencio da Silva. Dando conhecimento aos leitores da *Ilustração Portuguesa*, como temos feito a respeito de outros livros, do resultado das investigações e dos estudos do sr. Brito Aranha, aproveitaremos o ensejo para estudarmos tambem o grande poeta, o eminente dramaturgo, o parlamentar eximio e o notavel estadista, e para auxiliarmos, tanto quanto caiba nas nossas forças, o erudito bibliographo. E' tão arduo o seu trabalho, tão difficil chegar-se n'esse ponto á perfeição que nos não levará a mal o sr. Brito Aranha o pôrmos a margem do seu voluminho algumas notas que elle de certo aproveitará, se as achar exactas, quando voltar a occupar-se do assumpto, nos additamentos do seu *Diccionario Bibliographico*.

E n'este primeiro artigo nos desempenharemos desde já d'esse encargo, reservando para artigos subsequentes alguns traços da physionomia do grande escriptor, que podemos encontrar na nossa memoria.

Note o sr. Brito Aranha que n'estas observações recorreremos apenas á nossa memoria, e que lhe servirão apenas portanto como pontos de reparo e como indicação para novas investigações que elle possa fazer, seguindo a pista que vamos apenas indicar-lhe.

Como o sr. Brito Aranha diz na sua resenha bibliographica do theatro de Mendes Leal se as peças são originaes, imitadas ou traduzidas, lembraremos:

1.º—Que a comedia *Flores e Fructos* é uma imitação, sem podermos dizer-lhe nem de que lingua, nem de que auctor.

2.º—Que a *Receita para curar saudades* é uma traducção, ou antes uma imitação bastante livre e entremeiada de poesias que não existem no original, da *Urne* de Octavio Feuillet.

Como o sr. Brito Aranha tambem cita peças que não chegaram a imprimir-se, ou de que saíram excerptos nos jornaes, lembraremos:

1.º—Que Mendes Leal escreveu tambem, pouco mais ou menos no tempo em que escreveu o *Egas Moniz*, uma peça *Martim de Freitas*, que se representou no theatro de D. Maria II, fazendo Theodorico o papel do famoso alcaide de Coimbra, e Rosa o de D. Affonso III.

2.º Além d'isso não é justo esquecer a sua admiravel traducção da *Judith* de Giacometti, representada com grande exito no theatro de D. Maria II. As bellissimas peças poeticas d'esta traducção saíram na *Revista Contemporanea*, onde tambem appareceram as peças poeticas da traducção da *Medea*, peça que não teve o exito da *Judith*, mas cujos versos eram igualmente bellissimos. Tanto nos restringimos ao que nos fornece a nossa memoria, que não vamos procurar os *canticos* para verificar o seguinte, mas parece-nos que n'esse volume vem um trecho de uma tragedia intitulada *Viriato*.

Outro ponto ha, porém, que muito desejaríamos que o sr. Brito Aranha investigasse. Quasi lhe podemos affiançar que são exactissimas as seguintes informações, mas são ao mesmo tempo, confessamol-o, incompletissimas.

Mendes Leal traduziu, quasi com toda a certeza, em verso, o libretto de uma opera italiana, que se representou em S. Carlos sem exito algum o *Pelayo*. Não sabemos quem era o maestro; mas esta recordação está profundamente gravada no nosso espirito, e na collecção dos librettos de S. Carlos, o *Pelayo*, com a traducção em verso de Mendes Leal deve encontrar-se. E' curioso que Castilho e Mendes Leal escolhessem, para os pôr em magnificos versos, dois librettos de duas operas insignificantissimas—a *Adriana Lecouvreur* e o *Pelayo*.

Tem a traducção o nome de Mendes Leal? Não podemos dizel-o, mas affiançamos que é d'elle. Traduziu Mendes Leal mais alguns librettos? Temos uma idéa vaga de que traduziu, mas nem por sombras o podemos affiançar. Pelo contrario, a idéa que temos d'esse factó é por tal forma vaga, que nem chega a merecer que a fixemos no papel.

Na secção *Poesia* temos a fazer as seguintes indicações:

1.º—Por occasião das grandes inundações do Sul da França, Henri de Bornier, o author da *Fille de Roland* escreveu uma poesia intitulada *Les deux villes*. Eram estas cidades Paris e Tolosa. Mendes Leal traduzio a poesia em portuguez, e, offerecendo a traducção ao author e acompanhou a offerta com uma bellissima poesia em folheto; parece-nos que essas duas poesias saíram publicadas em francez, mas não o podemos affirmar. Ainda assim o factó é bastante notavel para merecer noticia;

2.º Como as grandes poesias de Mendes Leal eram as poesias epicas: *Abd-El-Kader*, *Ave Cesar*, *Pavilhão Negro*, *Napoleão no Kremlin*, deve citar-se outra d'esse genero, que promettia ser um poemeto, mas poemeto que ficou incompleto. Intitulava-se a *Cruz*

e o crescente, e tinha por assumpto a guerra de Hespanha com Marrocos. Saio publicado na *Revista Contemporanea*.

Na secção *Romance*, temos de fazer observações mais largas: Fallando nas *Infaustas aventuras de mestre Marça Estouro victima de uma paixão*, diz o sr. Brito Aranha: «Saira com o titulo de *Calabar* nos folhetins do *Diario Mercantil* etc.» As *Infaustas aventuras* e o *Forte de S. Jorge* são apenas episodios do *Calabar*.

Supprime o sr. Brito Aranha talvez intencionalmente uma obra importante de Mendes Leal, *Os bandeirantes* que saíram em folhetins do *Commercio do Porto*, e que depois a empreza d'este jornal imprimiu em tres volumes. Esse romance devia ser o primeiro de uma serie a que Mendes Leal dava o titulo de *Chronicas do Ultramar*.

Porque é que o sr. Brito Aranha não deu noticia d'este romance? Porque não teve conhecimento d'elle, ou porque não quiz referir-se a uma obra que levantára contra Mendes Leal accusações um pouco escandalosas?

Vejamos o que se passou:

Quando os *Bandeirantes* appareceram em volume, levantou-se um clamor, dizendo-se que os *Bandeirantes* eram apenas uma traducção fiel do *Batteur d'estrade*, de Paul Duplessis, romance de assumpto mexicano, como os *Bandeirantes* eram um romance de assumpto brasileiro.

Quando essa accusação se levantou, foi a pessoa que escreve estas linhas um dos mais ardentes defensores de Mendes Leal. Sustentava que não podia ser accusado de plagiario o grande romancista, por isso que bem claramente dizia no prologo que tomara o enredo de um romance francez.

Um dia, porém, que a accusação se formulára na imprensa, quizemos tambem na imprensa refutal-a, e fomos reler o prologo dos *Bandeirantes*, para citar o periodo que salvava Mendes Leal. Não foi porém pequena a nossa surpresa, quando tal periodo não encontramos! E comtudo, tivemos a certeza absoluta de que o teramos, que não podia deixar de ser assim, porque, não conhecendo nós n'essa occasião o romance francez, já sabiamos comtudo antes de se levantarem os clamores, que os *Bandeirantes* eram um romance imitado.

O que podemos imaginar é que lemos a confissão no prologo que o *Commercio do Porto* publicou, mas que Mendes Leal a supprimio depois, ao passal-o para o volume. E é um pouco desculpavel, porque realmente, se o enredo é perfeitamente semelhante ao do *Batteur d'estrade*, se os typos são absolutamente iguaes, e o dialogo traduzido apenas com algumas modificações, o estudo da paisagem, a adaptação conscienciosa e perfeita dos typos hespanhoes e americanos do seculo XIX á estranha sociedade mineira do seculo XVIII no Brazil, a vernaculidade da linguagem constituem meritos tão excepçoes, que Mendes Leal é um pouco desculpavel por ter entendido que dera ao romance um sabor bastante portuguez para se poder considerar como o seu verdadeiro author.

Pode desculpar-se, mas não justificar-se effectivamente; Moliere e Shakespeare tomaram de uns contos esquecidos ou de umas velhas farças o assumpto de algumas das suas obras primas, como o podiam tirar de um noticiario de jornal; mas o desenho dos caracteres, o desenvolvimento logico das situações, a travação do dialogo e o colorido do estylo, tudo isso pertence incontestavelmente aos dois grandes dramaturgos. Não acontece assim nos *Bandeirantes*; a invenção, os typos, o dialogo, tudo pertence a Duplessis. De Mendes Leal são apenas os factos portuguezes, e as paisagens, quando estas são especiaes, quando reproduzem um sitio determinado; se representam apenas algumas generalidades da natureza tropical, pertencem ainda a Duplessis.

Por consequente não ha duvida alguma que Mendes Leal andou incorrectamente, supprimindo no livro a declaração que fizera no jornal; mas o publico puniu-o cruelmente, porque os *Bandeirantes* foram um fiasco de livraria. Tanto mais que, ao mesmo tempo, e um pouco maliciosamente, a bibliotheca romantica *Jardim do Povo* publicava com o titulo de *Joaquim Dick*, a traducção do *Batteur d'estrade*, de que os *Bandeirantes* eram uma simples imitação.

Mas, apesar de tudo isto, os *Bandeirantes* não deixam de ser uma obra muito notavel, e muito digna da penna de Mendes Leal, pelo modo como o enredo está adaptado aos costumes brasileiros do seculo XVIII; e não nos parece justo que o sr. Brito Aranha esquecesse esses tres volumes, que se liam tão agradavelmente, e o primeiro romance de uma serie que tão formosa podia ser, *Chronicas do Ultramar*.

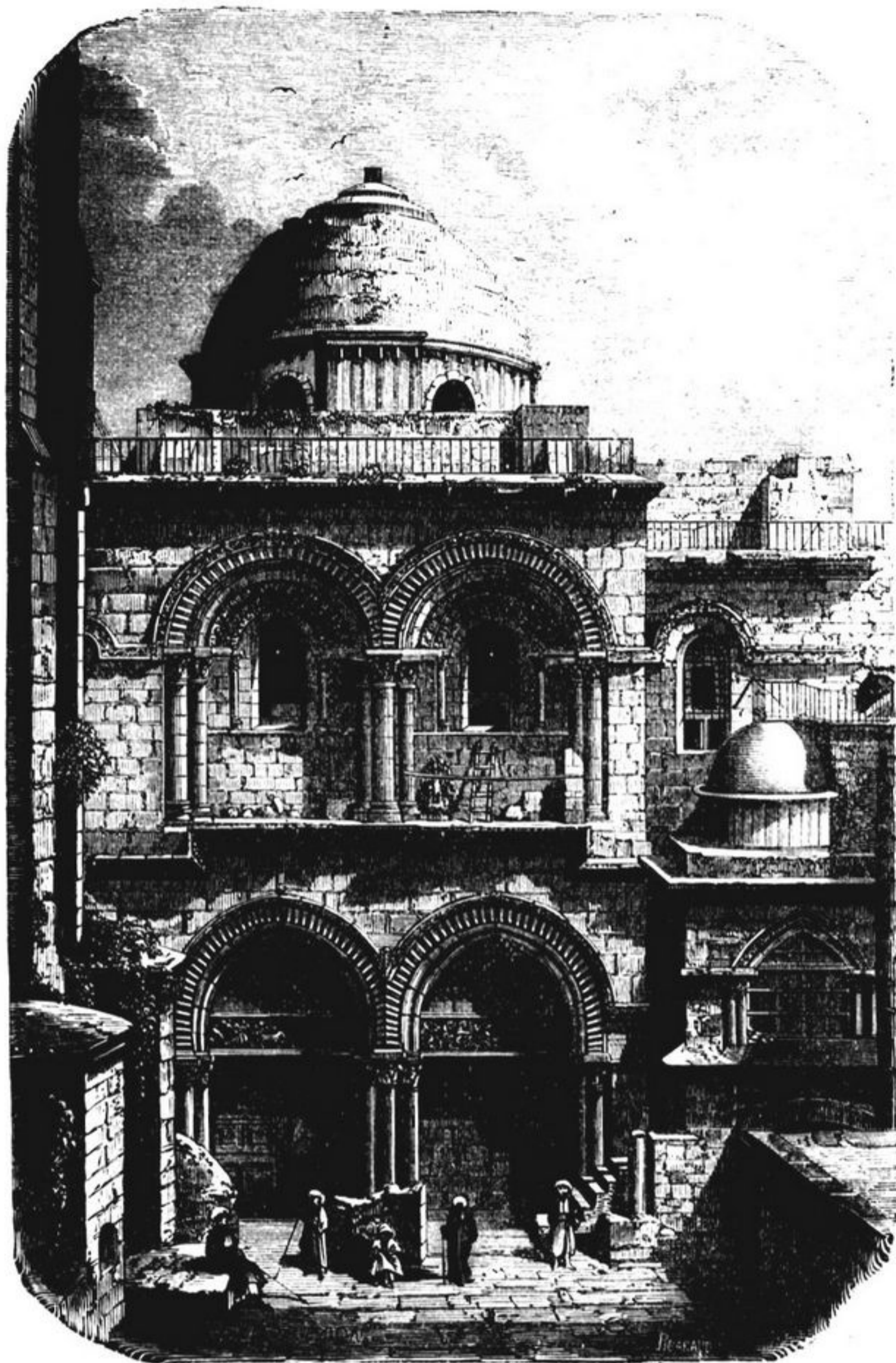
Entre os romances publicados em jornaes, e que se não reproduziram, cita o sr. Brito Aranha como dois romances differentes os seguintes, que numera da seguinte forma no catalogo geral das obras do grande escriptor:

62)—*Scenas da guerra peninsular*

63)—*A menina de Val-de-Mil*

Constituem uma obra só, com o titulo geral de uma serie, e com o titulo particular do primeiro romance: *Scenas da guerra peninsular*.—*A menina de Val-de-Mil*. Mendes Leal suppunha que encontrara um veterano da guerra peninsular, de cuja boca ouvira varias historias, sendo a primeira *A Menina de Val-de-Mil*, que ficou infelizmente incompleta.

Quando dizemos «infelizmente», não o fazemos por simples



O PORTICO DE JERUSALEM

banalidade de cortezia. *A menina de Val-de-Mil* promettia ser um quadro encantador da resistencia de Portugal á invasão franceza.

O editor do *Archivo Pittorresco*, Vicente Jorge de Castro, ha pouco fallecido, quiz que a *Menina de Val-de-Mil* fosse acompanhada de gravuras. Não eram felizes os desenhos de Nogueira da Silva.

E, terminando esta serie de observações bibliographicas, diremos ao sr. Brito Aranha que o discurso de Mendes Leal, publicado na *Revista Contemporanea*, não se refere, *entre outros assumptos*, á questão das irmãs da caridade; d'ella trata exclusivamente, pois que foi proferido no debate que sobre esse assumpto se levantou na camara dos deputados.

PINHEIRO CHAGAS.

— ∞ —

O CHRISTO

—

I

A velha civilisação ia-se esphacelando, carcomida pelos falsos principis e devaneios philosophicos. A sciencia, que devia

ser a mestra da vida e a moralisadora dos povos, envolvia-se nas trevas caliginosas do erro, que tinham attingido o maximo de condensação.

N'este estado de coisas, o mundo vacillava entre abysmos hiantes, que ameaçavam sorvel-o. Eis que desponta então radiante, bello e fecundo, o astro refulgente d'uma nova era, d'uma tão anciada regeneração social, que, esfarrapando os vapores obumbros, que tentavam empanal-o, jorrou seus raios luminosos e calorificos por sobre toda a superficie da terra. N'este baptismo de luz se retouçaram os povos, que andavam transviados da senda da verdade e percorriam a passos agigantados a viatura d'uma perdição inevitavel e imminente.

Desobscureceram-se as intelligencias, robusteceram-se os espiritos atrophiados, acalmaram-se os animos, e os germens fecundantes dos novos principios começaram de desenvolver-se e fructificar nas almas depuradas do erro.

Remoçaram as velhas sociedades, cuja decrepitude precoce as arrastava ao boqueirão enorme e tenebroso da corrupção, que com os cabellos desenovelados pelas espaduas nuas e voluptuosas, transcorria todos os trilhos do velho mundo. Era mister, como opportuna foi, uma lua nova e vivificante, que arrebolasse os horisontes escurentados pelas culpas do homem, essa luz, que, desde a primeira revelação, se reflectia nas almas predestinadas dos prophetas.

II

O astro aurifulgente, que illuminou o globo, é o symbolo formoso da regeneração da humanidade pela cruz.

Foi o Christo, que os hebreus esperavam anciosos, quem, descondensando as trevas e resolvendo-as em orvalho fecundante, accendeu nos espiritos o pharol da verdade e desbravou os escabrosos caminhos do erro. Foi elle quem, com as suas doutrinas de origem divina e a sua moral civilisadora, apontou aos povos o verdadeiro caminho que leva á felicidade suprema; foi elle quem irmanou os homens e os uniu n'um amplexo fraternal, ensinando a unidade de origem e a unidade de destino; foi elle quem os alevantou da abjecção em que jaziam, e lhes deu os foros que os ennobrecem e distinguem; foi elle, enfim, quem lhes prometteu o gozo da ventura suprema no seio esplendoroso da gloria eterna.

Mas, para regenerar a humanidade e operar os prodigios que assombraram o mundo inteiro, tinha elle de viver uma vida cheia de affrontas e soffrer uma morte ignominiosa. E' sublime a resignação do Homem Deus, como estupenda é a agonia do Calvario. Não eram só as dores physicas que avergavam o corpo do Salvador e lhe atormentavam a alma, senão também as injurias e affrontas que lhe cuspiam no rosto. O apóstolo do verdadeiro progresso e da civilização mais coerente com a razão humana era o ludíbrio dos phariseus e homens sem crença nem fé; mas elle, com o ardente desejo de salvar o mundo, arrostava com todos os improperios, soffria todas as affrontas, e resignava-se á expirar na cruz vilipendiosa dos reprobos, que desde então tem sido o symbolo da religião do verdadeiro Deus.

III

Foi enorme a agonia.

Sentiu-a a natureza e sentiu-a o ceu, mas os homens não a sentiram!

Parecia approximar-se o cataclysmo dos mundos. Toldára-se o firmamento; o sol desmaiava e refugia aterrado para os abysmos do espaço; estremecia a terra nos eixos desconjuntados, e estalavam e escachavam-se as montanhas com o desequilibrio do universo; os riachos, que serpeavam por entre as campinas estrellas de flôres, sustavam o seu curso, e os mares, encapellados em escarceus medonhos, combatiam furiosos contra os fragueiros da praia, que se cobria de espuma; vozes ignotas e insuetas estrepitavam por entre as arvores das florestas, e iam ecoar, em tons plangentes e aterradores, em todos os angulos da terra.

Tudo se agitava, tudo se estorcía, só o homem conservava o animo calmo e a alma desanimada.

Estirado n'uma cruz, agonisa o padecente. O sangue, resfriado pelo halito da morte, intumece-lhe as veias, injecta-lhe os olhos, e estua-lhe nas fontes; os musculos, retezados, parece desfibrarem-se; o pallôr do desfallecimento mortal embranquece-lhe o corpo e enlvida-lhe o rosto; a gangrena, invadindo os tecidos e infiltrando-se pelos escaninhos do coração, seca-lhe os labios, como o simoun do deserto. O estertor da agonia é lento e prolongado, e o Homem Deus sente uma das necessidades originarias da sua encarnação: tem sede. «Tenho sede»: diz o Salvador, com a voz sumida de moribundo.

As palavras soaram no espaço, como um suspiro, e repercutiram-se no marulho do mar, no ciclar da brisa, com o accento lamentoso de quem pede a vida no ancilar da morte.

Aos labios resequidos e descolorados achegaram-lhe os algoszes uma esponja embebida em fel e vinagre.

Ah! fel e vinagre! quando elle pedia uma gotta d'agua!

As aves do céu e as flores do prado têm o rociar da aurora; as fêras bravas os arroios, que meandram nos almargens; o homem, os lios crystallinos que brotam das rochas; e o Deus que formou os mundos, não tem uma gotta d'agua! Elle, que deu a Moysés a vara com que fez jorrar a lympha dos rochedos do deserto! Elle, que encheu os vastos depositos do oceano!

Uma gotta d'agua! A perola que rebrilha no calice da flôr ao sol da primavera; a vaga que o oceano arremessa á praia; a vesicula que a nuvem esparze sobre a terra! Uma gotta d'agua! E em vez d'agua, dão-lhe fel e vinagre!

Ah! meu Deus! Desde o Calvario, a ingratição dos homens começou a angustiar-te o seio, e a cuspir de insultos e blasphemias o diploma da remissão que tu lhes outhorgaste.

IV

E' santa a tua doutrina, ó Christo, saltares os teus preceitos. O código de moral, dictado pela tua intelligencia divina, é o primeiro código do mundo. Milhares de gerações, no transcurso de desenove seculos, se têm curvado reverentes ante os teus altares, pronunciando o credo da sua fé. Os inimigos da tua igreja dehaide têm tentado abalar os solidos alicerces em que os firmas-

te; mais forte que o cedro, a tua cruz, hasteada no vertice dos teus templos e cravada no solo inhospito de plagas longinquas, tem resistido aos embates da impiedade e aos golpes do erro. Se não fossem divinas as tuas leis, ha muito as teria postergado o orgulho vaidoso dos homens, que sabem destruir, sem saberem edificar. Doutrinas obnoxias, galgando as nossas fronteiras e atravessando os nossos mares, têm subjugado alguns espiritos cultos, que as mais das vezes as professam, para seguirem a corrente de ideias do seculo, e não por convicção firme, invariavel. Nem a mão d'alguns dos teus proprios ministros, ó Christo, tem estre-mecido os fundamentos da tua igreja!

Foi divina a tua missão. Remiste o homem da culpa que o maculava; regeneraste os costumes, depravados pela sensualidade bruta, pelo amor das riquezas, pela ambição do poderio, pelo menosprezo dos deveres; deste-lhe leis sabias e justas, que ainda hoje são o assombro das nações; egualaste os homens, levantando as dignidades dos que jaziam abatidos e estavam prezos ás gargalheiras da escravidão; ergueste a mulher á altura da sua missão sympathica e nobilissima, dando-lhe direitos, que ella não tinha; enfim, as tuas doutrinas foram, são e serão sempre o passmo das gerações cultas.

Bemdito sejas, Filho de Deus!

NARCIZO ALBERTO DE SOUSA.

ESTUDOS LITTERARIOS

A MARCHA FUNEBRE DE CHOPIN

(Continuado do numero 37)

II

N'essa epocha,—é George Sand que o affirma,—resolvera a grande escriptora conduzir seu filho Mauricio ao sul da França.

Um grupo de amigos officiosos,—é ainda George Sand que tem a palavra,—supplicou-lhe que accedesse ao desejo, manifestado por Chopin, de acompanhá-la.

«Fiz mal, escreve a romanesca *Lelia*, annuindo aos seus rogos e á minha propria sollicitude... Mas a saude de Chopin parecia excellente. A viagem teve logar, dando como resultado o seu completo restabelecimento.»

Todos os cantos d'estes poemas, mais ou menos pagãos, através dos quais George Sand espalhava a plenas mãos os inebriantes filtros da sua fatal belleza tentadora, as vermelhas rosas da sua inspiração de poeta e os acerados espinhos da sua volubidade de mulher caprichosa e inconsequente; todas estas paginas frementes de impetuosa paixão, aljofradas de beijos e regadas de lagrimas; todos estes romances vividos, de que George Sand foi a protagonista, enchendo-os de luz e sombras, enchendo-os sobretudo com a potente virilidade do seu genio, com a torrentuosa sensibilidade do seu coração e com a sua estranha formosura de archanjo despenhado, sonhando nos abysmos da terra com um radioso paraíso, povoado de seres immaculados; todos estes poemas, todos estes romances, são ferteis em contradicções.

Comparando-se as duas narrativas em que George Sand e Franz Liszt alludem á residencia em Maiorca, nota-se uma completa divergencia na exposição dos factos.

Segundo declara o célebre *virtuosi*, madame Sand partiu para Maiorca por amor de Chopin.

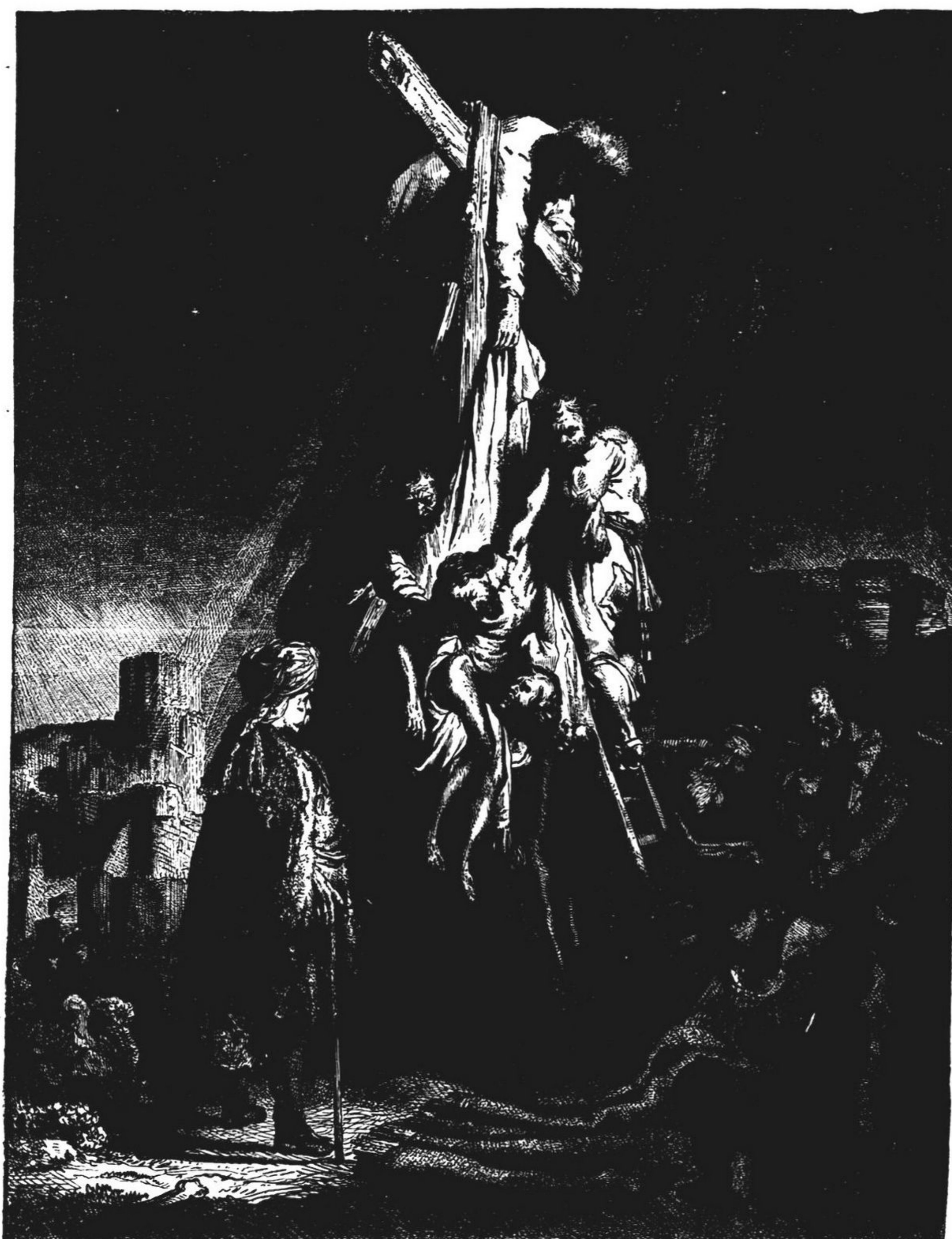
A grande escriptora, porém, assevera que foi ahi unicamente por causa de seu filho.

Conforme Liszt refere, symptomas alarmantes obrigaram Chopin a ir ao sul, afim de se subtrahir aos rigores do inverno.

Madame Sand, pela sua parte, declara que a saude do pianista tranquilisava os mais timoratos.

Na opinião de Franz Liszt: «todos os prismas de ventura refulgiam n'essa epocha na existencia de Chopin.»

Mas na penna de George Sand, ao descrever o periodo da sua vida, passado em Maiorca, vibra uma inflexão melancolica,



Loais MARVY del

Rembrandt. P. 1633.

CARBONNEAU. sc.

A DESCIDA DA CRUZ

quasi amarga. Essa residencia em Maiorca, segundo o testemunho da célebre escriptora, foi desagradabilissima, para o que concorreu o pessimo alojamento, o mau regimen, as chuvas torrencias do inverno; n'uma palavra, todas as contrariedades provenientes de um paiz admiravel, como natureza, mas desprovido dos recursos indispensaveis; pessoas habituadas a viverem em Paris.

N'estas condições, um homem nervoso, impressionavel e doente, como Chopin, era um fardo penosissimo; e assim succedeu! O amor que enlaçara essas duas almas desequilibradas, feridas de um mal estranho, devoradas de uma sede nunca saciada, namoradas de um ideal jamais attingido, esteve longe de ser um amor feliz.

Aquelles que lastimam Chopin, devem tambem condoer-se de George Sand, porque «o pobre grande artista era um doente in-supportavel».

E julgava-se doente, mesmo quando estava de perfeita saude!

O claustro de Maiorca inspirava ao desditoso Chopin um terror invencivel; parecia-lhe a todo o instante ver phantasmas desfilando ao longo das sombrias abobadas.

«Ao regressar das minhas explorações nocturnas nas ruinas, com meus filhos, escreve George Sand, achava-o, ás dez horas da noite, assentado ao piano, pallido, os olhos espantados, o cabello revoltado. Só decorridos alguns instantes, nos conhecia. Fazia, em seguida, um esforço para sorrir-se, e tocava-nos cousas sublimes que acabara de compôr, ou para melhor dizer, cousas terriveis e dilacerantes, que, a despeito seu, lhe tinham absorvido o pensamento n'essa hora de solidão, de tristeza e de pavor. Foi então que Chopin compoz as mais formosas d'essas breves paginas, a que elle deu o modesto titulo de *Preludios*, e que são verdadeiras obras primas.

«Muitas, apresentam-nos a visão de monges fallecidos, e a audição dos cantos funebres que resoavam ao seu ouvido. Outras, são melancolicas e suaves. Estas, eram-lhe suggeridas durante as horas de sol e de saude, ao som dos risos das creanças na janella, ao som longinquo das guitarras, do canto das aves nas folhagens humidas, ao aspecto das pequeninas rosas pallidas desabrochadas na neve. Experimentando em subido grau a preocupação das minuciosidades, o horror da pobreza e as necessidades de um exaggerado bem estar, Chopin começou a odiar Maiorca, poucos dias depois da sua doença. A nossa residencia na cartuxa de Waldemosa foi pois um supplicio para elle e um tormento para mim.»

Rocomeçaram a vida intima, a vida caseira, iniciada em Maiorca, continuada em Nohant, e cuja privação era tão penosa a Chopin, na rua Pigalle, em um dos dois pavilhões, alugados por madame Sand.

«O destino, escreve ella, impellia-nos para os laços de uma longa associação, e ahi nos achámos ambos, sem de tal nos apercebermos.»

Mais tarde, mudaram-se para a rua Saint Lazare, no square d'Orléans.

Ahi, Chopin, que se intitulava desde certo tempo, conforme conta Arsène Houssaye, o *malade ordinaire* de George Sand, sentiu-se feliz. «Feliz (explica George Sand), por ter uma bonita sala isolada, onde podia ir compor ou meditar; mas Chopin gostava da sociedade (acrescenta a sua grande amiga) e não aproveitava o seu sanctuario senão para ahi leccionar.»

Madame Audley, a quem me referi na primeira parte d'este modesto estudo, assevera que a predilecção de Chopin pela sociedade foi um dos aggravos de madame Sand. Ella queria afastalo da sociedade e absorvel-o exclusivamente.

«N'esse facto, escreve madame Audley, se originaram os attritos, os desacórdos, os conflictos, que dia a dia tomaram maior vulto e envenenaram a sua intimidade. A sociedade que George Sand frequentava não tinha nenhum ponto de contacto com a sociedade a que Chopin estava habituado.

Fredrico Chopin preferia os musicos. George Sand convivia unicamente com os escriptores.

Chopin, ao apaixonar-se por essa estranha Esphinge incoherente, enigmatica, mas profundamente sensivel e nimamente susceptivel, caminhára para o fogo sem se munir previamente do indispensavel amianto.

O fogo devorou-o; o ciúme, o despeito, todas as dilacerantes angustias de um amor malogrado, despedaçaram-o.

Não podendo matar o seu amor, era forçoso que esse amor o matasse.

Como succedera em relação ao afeminado Julio Sandeau, George Sand é que representava o personagem viril e forte n'essa dualidade de um profundo affecto, unindo dois caracteres incompativeis.

George Sand achava mais simples sacrificar o amor do que sacrificar-se a si propria.

Chopin foi para ella um encanto inesperado, no prefacio do seu romance, e um desencantamento dolorosissimo, antes mesmo do epilogo.

«Desgraçadamente, escreve madame Audley, ha na vida de madame Sand precedentes que a accusam. Nas queixas que se formulam, na malevolencia que transluz até nas palavras affectuosas, reconhece-se a mulher, que depois da morte de Musset,

deveria escrever *Elle et Lui*, como se o pudcr das suas faltas e o respeito dos soffrimentos de Chopin lhe fossem totalmente estranhos».

Uma vez entrados n'essa via dolorosa, a catastrophe tornou-se inevitavel.

Conforme assevera Arsène Houssaye, as opiniões, os votos, os gostos, os habitos d'esse meio, que Chopin supportára na primeira embriaguez do seu amor, feriram mais tarde as delicadezas e as convicções do seu espirito.

Laços dolorosos, mas encantadores.

«Chopin receava, se a deixasse, (continua madame Audley), expol-a à malevolencia e aos despresos do mundo.» Este sentimento, de uma delicadeza pouco vulgar, outro o exprimira em identicas circumstancias. Alfredo Musset, a dar-se credito a seu irmão Paulo, experimentara essa hesitação e esse receio: uma nova afinidade entre esses dois homens eminentes, separados de resto por um abysmo de divergencias, e que nem mesmo na paixão se encontraram.

O mal aggravava-se de hora a hora: o doente, porém, fechava os olhos para não ver o vortice que se lhe cavava aos pés.

Segundo refere Karasowski, que o ouviu ao conde Estanislau Tarnowski, recorreu-se a um expediente violento para abri-lh'os à força.

George Sand (falla Karasowski) imaginou escrever o romance do seu amor com Chopin e intitulou-o *Lucrezia Floriani*. A Floriani era Sand. As theorias exhibidas n'essa novella, intencionalmente preparada, deviam ferir profundamente a fina e vibrante susceptibilidade de Chopin. Por um refinamento de crueldade, foi elle o encarregado de corrigir as provas; os filhos de madame Sand, mostrando as folhas do livro, diziam:

«Sr. Chopin, sabe que o sr. é que é o principe Karol?»

Arsène Houssaye desmente esta fabula, indigna do elevado caracter da grande escriptora e da bondade transmittida por ella a seus filhos no leite materno.

Madame Audley assevera que o rompimento foi cruel e tempestuoso.

A causa, porém, a verdadeira, sepultou-se para sempre, com o segredo d'esses dois corações que ha muito cessaram do palpitar.

A separação estava prevista, em presença do passado de George Sand e Chopin, onde ella desfolhára as suas illusões, onde elle alimentára, com a pura essencia do seu espirito, a flôr das suas crenças.

Franz Liszt dá-nos, em algumas palavras, a chave d'esses bruscos e violentos rompimentos, tão frequentes na vida romanesca de George Sand.

«Morena e pallida Lelia, escreve elle, tu divagaste nos logares despovoados, sombria como Lara, dilacerada como Manfredo, rebelde como Caim, mas mais feroz, mais implacavel e inconsolavel do que elles, porque não houve um unico coração de homem bastante feminino para amar-te, como elles foram amados, para prestar aos teus viris encantos a homenagem de uma submissão confiante e cega, de uma dedicação ardente e muda, para deixar proteger as suas obediencias pela tua força de amazona!»

Liszt conhecia admiravelmente George Sand. E tanto a conhecia, que não quiz despedaçar-se nos braços da «morena e pallida Lelia.» Preferiu despedaçar o teclado dos pianos.

Alguns mezes depois da sua separação, Chopin foi passar a noute a casa de madame H***.

Quando elle entrou na sala, o assumpto da conversa era a sua extincta ligação com madame Sand. Dizia-se que os melhores romances da grande Lelia, escriptos durante as reuniões artisticas de Nohant, eram devidos à profunda magia inspiradora do talento do pianista. Alguem, cuja presença não tinha sido notada, escutava, com os seus grandes olhos inundados de lagrimas, occultando-se a todos os olhares, (excepto aos da dona da casa), na sombra de um biombo. Em seguida, logo que as salas se encheram, esse alguem aproximou-se, ondulante e graciosa, dirigiu-se ao encontro de Chopin, e estendendo-lhe a mão, como para uma reconciliação, murmurou-lhe ao ouvido: «Frederico!» Chopin estremeceu; uma pallidez mortal obscureceu-lhe o rosto emmagrecido; o seu olhar cruzou-se com o olhar arrependido d'aquella que não tornára a ver desde a quebra dos laços que os uniam, e afastou-se rapidamente.

«A' saída, conclue madame Audley, Chopin disse a Clésinger: «Prepara-te para esculpires o meu tumulo. Essa terrivel mulher exhala ainda e sempre o aroma das violetas!»

*

Eis como George Sand descreve essa ultima entrevista:

«Tornei a vel-a em março de 1848. Apertei a sua mão tremula e gelada. Quiz fallar, Chopin fugiu. Chegára a minha vez de dizer-lhe que elle já me não amava. Poupei-lhe esse soffrimento, entreguei tudo nas mãos da Providencia e do futuro. Não devia tornar a vel-o. Havia entre nós alguns corações malfazejos. Houve outros bondosos, mas que não souberam conciliar-nos.»

«Frederico» segredou-lhe ella. Chopin, porém, não respon-

deu «Aurora», e fugiu como quem tem medo de cair nas garras da leoa.

O genio é como o sol, devora as nuvens!

«Sempre que oiço a *Marcha funebre* de Chopin, escreve Arsène Houssaye nas suas *Memorias*, afigura-se-me ver o grande artista fugindo ao longo dos infernos e gritando: «Eurydice! Eurydice!»

GUIOMAR TORRESÃO.

POBRE MARICAS!

Eu conhecia-a ainda quando ella, aos domingos, atravessava o adro da velha aldeola, com as saias a ondear e a alvura da camisa a transparecer por entre o chalesito vermelho encrusado sobre os seios, os labios entreabertos n'um sorriso, as faces ruborisadas e umas scintillações meigas no olhar.

Então, quando assim se dirigia, com passo breve e expressão bondosa, para o templo que chamava os fieis á oração christã, de todos os grupos que a contemplavam rompiam phrases amaveis de comprimento:—que era um coração d'oiro, uma perola que fazia inveja aos anjos.

Apenas ella se distanciava mais, arrastando as suas chinellinhas de côres garridas, todos admiravam, com palavras de louvor, a sua vida honesta e laboriosa—um exemplo a seguir...

Imaginem pois a magua que compungia os habitantes do sertanejo povoado ao verem um dia a Maricas muito triste, com as faces pallidas e desfeitas, a fronte baixa, os olhos pisados e morbidos.

Inqueriam uns aos outros, com curiosidade, a causa d'esta subita transformação, e logo boatos terriveis faziam deslizar enternecido pranto por todas aquellas faces bronzeadas pelo calor do sol.

Dizia-se que a boa da rapariga amava de ha muito o sobrinho do abbade—um petulante d'olhos azues—e que elle, depois de a seduzir com fallazes promessas, se havia ausentado.

Por isso ella definhava a olhos vistos. Se fallava, notava-se-lhe na voz uma melopéa de gemidos suffocados; se andava, tinha nos passos a vacillação d'um corpo enfermo ou d'uma alma triturada.

Mas foi curta a sua epopeia de soffrimentos.

Um dia, ao romper d'uma manhã outonal, calma e suave, os sinos do eremiterio annunciavam o fallecimento da joven aldeã.

E á tarde, quando o sol se escondia no horisonte, um pequeno cortejo funebre conduzia o seu esquife a uma modesta sepultura, onde ella recebeu em lagrimas saudosas o premio das suas virtudes.

Pobre Maricas!

DELPHIM GOMES.

AS NOSSAS GRAVURAS

A CEIA DO SENHOR

A nossa gravura representa a ceia de Jesus Christo e dos doze apóstolos na vespera da paixão.

Segundo S. Matheus, Jesus disse aos discipulos, n'aquella

ceia memoravel: «Um de vós me trahirá.» E cada um d'elles re-darguiu, contristado: «Sou eu, Mestre?» E Jesus respondeu: «Aquelle que metter commigo a mão no prato, trahir-me-ha. Está escripto: desgraçado d'aquelle por quem o Filho do Homem fôr trahido. Melhor lhe fôra não ter vindo a este mundo.»

Ouvindo estas palavras, Judas Iscariote, o traidor, perguntou-lhe:—Sou eu, Mestre? E Jesus Christo respondeu:—Tu o disseste.

E enquanto cejavam, Jesus tomou o pão, benzeu-o e distribuiu-o pelos discipulos, dizendo: «Tomai, comei; este é o meu corpo.» Pegando depois no calix, benzeu-o da mesma fórma e offereceu-o aos apóstolos, dizendo: «Bebei todos: este é o meu sangue do Novo Testamento, que se derramará por muitos, em remissão dos peccados. Só tornarei a beber este fructo da vide, no dia em que o beba comvosco no reino de meu Pae.»

No dia da ceia, Jesus Christo lavou os pés aos seus apóstolos.

E' esta a festa que a Igreja acaba de celebrar em quinta feira Santa.

O PORTICO DE JERUSALEM

Jerusalem, cidade da Turquia da Asia, antiga capital da Judéa, foi o theatro da ascensão de Mahomet, e a mesquita de Omar substituiu por algum tempo, para elles e para a sua perigrinação, a Mesquita de Meca.

Está construida sobre as montanhas de Sião, Acra, onde se vé o Santo Sepulchro; a piscina de Ezechias; o consulado de França; a Porta judiciaria onde se diz que foi affixada a condemnação á morte de Jesus; o traçado da Via Dolorosa; uma columna que passa por marcar o sitio onde Jesus disse ás mulheres de Sião que não fossem mais adiante; etc.

O monte Sião foi o berço da nacionalidade judaica. Ali se encontra a fortaleza imprópriamente chamada Torre de David, restos da prisão onde se diz que foi encerrado S. Pedro; o convento e a igreja de S. Thiago, a grande synagoga, e um vasto edificio, hoje pertencente aos derviches, e onde a tradição colloca o tumulo de David, o lugar da ceia e o lugar onde o Espirito Santo desceu sobre os apóstolos. Se o monte Acra é o bairro mais populoso da cidade, o monte Sião é o mais ermo e pobre.

O monte Moriah, que é uma altura insignificante, passa por ter sido o sitio onde Abrahão esteve para consumir o sacrificio de Isaac. Ali existia o celebre templo de Jerusalem, construido por Salomão, templo sobre cujas ruinas se ergue hoje a mesquita de Omar.

No monte Bezetha vêem-se as ruinas da igreja de S. João Evangelista, a porta de Damasco e a gruta de Jeremias.

O recinto de Jerusalem, que parece corresponder quasi exactamente ás muralhas antigas, é cortado por sete portas: a porta do Bem Amado, por onde se sae para Bethlem; a porta da Columna ou de Damasco, por onde se vae para Nazareth; a porta de Herodes, tambem chamada de Ephraim; a porta da Santa Virgem; a porta Doirada, por onde se diz que entrou Jesus triumphante; a porta dos Mangrabinos, por onde os judeus levaram Jesus á presença de Pilatos, a porta do propheta David, que fica no alto do monte Sião, defronte do tumulo de David.

A igreja do Santo Sepulchro, edificada sobre dois rochedos, n'um dos quaes cabiu, segundo se diz, da cruz de Christo, o sangue do Salvador, e no outro foi sepultado o seu inamimado corpo, é um edificio mysterioso e estranho.

Jerusalem tem inspirado descripções admiraveis a muitos escriptores que a visitaram, movidos ou pela devoação ou pela curiosidade.

A nossa gravura representa o portico de Jerusalem.

A DESCIDA DA CRUZ

A nossa gravura é copia do famoso quadro do celebre pintor hollandez, Rembrandt Harmensz Van-Ryn.

Se quizessemos aquilatar esta obra, submettendo-a ao rigor de um certo numero de conveniencias, taes como o estylo, o costume e as nobres tradições,—claro é que a *Descida da cruz* ficaria um quadro insustentavel perante a critica. Assim, por exemplo, a cabeça e o corpo do Crucificado apresentam quanto pode imaginar-se de horriavelmente feio; os homens que o despregam da cruz, os que pegam no lençol e os que amparam nos braços o cadaver, os espectadores da scena, as tres Marias emfim, todos á porfia estão allí denunciando, pelo traje extravagante e esfarrapado que vestem, pertencerem evidentemente á menos nobre, á



JESUS CHRISTO

mais baixa das condições sociaes. Em pé, no primeiro plano, assumindo a attitude da mais completa indifferença, observa-se uma especie de burgomestre abordoado ao seu bastão de commando; tem na cabeça um turbante; nos hombros um manto bordado, forrado de pelles; dir-se-hia... o que? um commissario que a justiça tivesse alli mandado para assistir oficialmente ao levantamento do cadaver e lavrar o competente auto!

Querem, porém, saber como é que Rembrandt, com um simples rasgo de grande mestre, vai derramar sobre esta scena de luto uma deslumbrante poesia?

Reparem n'aquelle jorro de luz que vem do alto,—como se fôra o olhar de Deus,—incidir no corpo da victima.

E' uma chuva de raios luminosos que atravessa a obscuridade do firmamento e acaba por inundar o quadro.

Emquanto a triste Jerusalem parece lá no fundo sumir-se em vagos tons de meias-tintas,—resulta nos sobre a parte essencial do painel um clarão glorioso, que vivifica e torna resplendente a imagem do morto.

Rembrandt soube insuflar alma e vida n'aquella pintura, deixando-lhe a luz do seu genio

JESUS CHRISTO

Tinham-se passado quatro mil annos em que o mundo jazera no centro das trevas.

A hora havia chegado em que as prophcias tinham de se realisar e em que Christo devia apparecer.

Deus enviou ao mundo seu proprio filho, e o Verbo de Deus fez-se homem.

A nova da sua proxima chegada foi enviada a Maria, que devia ser sua mãe, e Christo, filho de Deus, foi concebido nas suas entranhas.

Nasceu em Bethlem e chamaram-lhe Jesus, que significa *Salvador*.

Christo prégou e as suas maximas ahí estão.

Que doçura e que pureza nos seus costumes!

Que graça commovente nas suas instrucções!

Que elevação nos seus pensamentos!

Que profunda sabedoria nos seus discursos!

O ciúme dos pontifices, dos phariseus e dos doutores da lei levantou-se contra Jesus, porque elle castigava os seus erros e a sua hypocrisia.

Crucificaram-o enfim! e o mundo estremeceu n'esse dia, em que sobre o Calvario se ultimava esse longo drama de lentas agonias e de profundos soffrimentos imposto ao filho de Deus para a remissão dos filhos dos homens!

A RESURREIÇÃO

Maria Magdalena, Maria, mãe de Thiago, e Maria Salomé, compraram balsamos e aromas e encaminharam-se para o tumulo de Jesus.

Ellas chegaram ao nascer da aurora, quando as trevas mal se dissipavam ainda, e disseram umas para as outras: Quem levantará a pedra que fecha a entrada do tumulo?

De rep nte sentiu-se um grande tremor de terra, e um anjo do Senhor, descendo do céu, afastou a pedra e sentou-se n'ella.

A esta apparição, os guardas ficaram como feridos de morte.

Maria Magdalena partiu a chamar dois dos apóstolos.

Pedro e outro discipulo correram, e descendo todos ao tumulo, não viram ahí o corpo de Jesus. Durante este tempo, dois anjos se collocaram ao seu lado e lhes disseram:

«Não receeis; procuraes Jesus Nazareth, que foi crucificado, e *Elle* não está aqui; resuscitou, como o havia annunciado. Lembrae-vos das palavras que vos disse quando ainda estava em Galilea: que era preciso que o Filho do homem fosse livre entre as mãos dos peccadores, que fosse crucificado, e que resuscitasse ao terceiro dia. Vinde, vede o sitio onde o Senhor foi collocado e annunciae aos seus discipulos que *Elle* resuscitou e que os precederá em Galiléa, onde o vereis como vos predisse.»

As tres Marias lembraram-se então d'essas palavras, e sabindo do tumulo cheias de alegria, correram para annunciar aos discipulos o que haviam visto.

Jesus, então, sabindo-lhes ao caminho, disse-lhes com aquella voz doce e suave com que sempre lhes fallára:

—Ide e dizei a meus irmãos que voltem para Galiléa, que ahí me verão.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADA EM VERSO

(A João dos Reis Castiço)

Tinha por certo jurado
Não voltar à *Illustração*,
Mas enfim, de novo torno,
Não 'stá mais na minha mão.
Dirás tu:—quem tem a culpa?—
—Foi de certo o macacão!—

Era bem gentil, galante,
Nobre, de casta mui bella;
Apesar de ser da China,
Da pura raça amarella.—1.

Dava saltos, piruetas,
Tinha coisas o damnado,
Que, até na propria fabula,
Assim foi cognominado.—1

Mas, oh coisa exquisita,
Que ideia tão imprudente!
E', não sendo este o seu nome,
Chamal-o assim toda a gente!—1.

Se não fosse o quadrumano,
Se não fosse o macacão,
Ainda hoje, com certeza,
Não vinha à *Illustração*.

Castello Branco

XAVIER RODRIGÃO.

Enigma

Cincoenta e um e outros tantos
Direis serem cento e dois;
Examinaí o que vos fica,
Juntando um zero depois.

Examinae, vede bem,
Bom charadista e leitor,
Que o num'ro de que se trata,
Se transformou n'uma flôr!...

ANTONIO RODRIGUES BRANCAI.

Logogripho

(Um premio, a quem primeiro enviar a decifração a Miguel P. Antunes, praça da Batalha, 36, Porto)

Diz o Pedro, regedor
Cá da nossa freguezia:

«Eu attesto que os tres M. M.
 «Velha firma charadista,
 «Foi ha pouco a sachristia
 «Da igreja da povoação, 8, 12, 1, 6
 «Interrogando o sachrista
 «Se a firma fazer podia
 «No titulo *alt ração*; 5, 12, 3, 4, 8, 9, 6, 7, 4
 «Outrosim eu mais attesto
 «Que a velha firma em questão
 «Não podia ter melhor
 «Comportamento moral,
 «Civil e religioso;
 «E nada mais. Isto posto,
 «Concedo a firma dos M. M.
 «Altere o nome a seu gosto; 9, 10, 1, 2, 7, 6
 «Com este fim lhes passei
 «Este presente attestado
 «Pro que preciso lhes fôr.
 «Tal terra, aos tantos de tal, 3, 9, 10, 5, 4, 7
 «Reconhecido, assignado,
 «Pedro José, Regedor.»

Pedro José, regedor.
 Tem um bello coração,
 Pois registou no cadastro
 Esta nossa alteração.

Porto.

CLUB DOS PUNHAES DE PRATA

(Antigamente M. M. & M)

Problema

Ha duas pipas de vinho; uma contendo 280 litros de 120 réis o litro, e outra contendo vinho de 100 réis o litro. Tirando da primeira um certo numero de litros; substituindo-os por igual quantidade de vinho de segunda qualidade, e juntando-lhe uma quantidade tripla d'agua, fica a 82 réis o preço da mistura. Pergunta-se quantos litros de vinho de 100 réis o litro se tiraram, para juntar aos de primeira qualidade?

MORAES D'ALMEIDA.

Decifrações

DA CHARADA CONIMBRICENSE:—

ar ma
 go
 te la

DA CHARADA EM TRIANGULO:—a l ã o
 l e i
 a i
 o

DO LOGOGRIPHO:—Sarcophago.

DO PROBLEMA DO N.º 35:—O reservatorio pode conter 240 litros; e enche-se em 30 minutos, deitando-lhe em cada minuto 8 litros d'agua.

A RIR

Um elegante, vendo-se um dia com pouco dinheiro, foi jantar a um *restaurant* onde havia uns jantares detestaveis, mas muito baratos.

Senta-se a uma mesa, e vem servil-o um creade que elle conhecia dos primeiros *restaurants*.

—O sr. aqui? Pois vem jantar a esta casa?

—E tu, não estás tambem aqui?

—Sirvo aqui, mas não janto cá, replica o moço com dignidade.

No tribunal:

O juiz—O reu é accusado de ter assas inado uma pobre mulher.

O reu—E' falso.

O juiz—Quatro pessoas o viram.

O reu—E eu posso apresentar mais de quatrocentas mil que o não viram.

Os advogados, dizia um sujeito, são como as facas bem afiadas.

A's vezes tccam-se, mas nunca fazem boccas. Desgraçados porém dos que se metterem no meio.

UM CONSELHO POR SEMANA

PARA PRESERVAR A MADEIRA D'APODRECER

A madeira trabalhada preserva-se de apodrecer com a humidade e de se deteriorar com a traça, dando-se-lhe um banho, a pincel, de uma dissolução forte de sulphato de ferro bem quente. As pequenas peças fervidas n'este banho duram seculos. Note-se que este banho só pode applicar-se ás peças de madeira que estejam acabadas, porque o banho de sulphato de ferro embota as ferramentas cortantes.

A MORTE DO LARANJA

O Joãozinho era um diabrete. Os seus grandes olhos claros tinham relampagos de malicia, temperada pela expressão prosaica das suas redondas bochechas. Os labios estendidos em arco, pediam beijos com gulodice; não os offereciam nunca. Por cima de tudo isto, espanejava-se airoosamente uma cabelleira castanha annelada. Tinha oito annos e era filho unico do abastado burguez o sr. Raymundo Guimarães, o qual morava a Buenos Ayres, n'um palacete com larga dependencia ajardinada.

Reviã-se os paes no formoso representante do seu nome, admiravam a viveza do pequeno, mas notavam, com certo desgosto, a sua inclinação para a maldade.

A que attribuir tão funesta predisposição? O sr. Guimarães, considerava-se a nata dos burguezes que viviam dos seus rendimentos. A sua cara metade era uma santa senhora. Os seus ascendentes não tinham feito senão nascer, crescer e morrer como bons christãos. O excellente homem, todo devotado á educação da tenra vergontea, perdia-se n'um mar de conjecturas.

Era o Joãozinho particularmente cru com os animaes, o que, de resto, é predicado de quasi todas as creanças, mas elle era o Nero da bicharia. Inventava supplisios crueis. Tinha ideas medonhas. Debalde o pae gravemente lhe dizia:

—Menino, olhe que tratar mal os animaes é indicio de mau caracter.

Elle importava-se bem com taes sentenças! Ia sempre fazendo o que queria.

As velhas creadas, muito amantes dos gatos, desesperavam-se quando elle entrava na cosinha, de botas altas e chicote, como um pequeno Luiz XIV. Os gatos, espantados e assoprando, voavam pelas janellas fóra, no meio de grandes gargalhadas do Joãozinho que se sentia grande e forte n'aquelle recinto de caçarolas.

Uma vez perdeu o pae a paciencia, e desesperado, agarrou n'uma palmatoria; mas ao apertar, entre as suas vastas mãos, os dedinhos rosados do traquinas, teve receio de os despedaçar; e vendo os olhos fixos n'elle, grandes, formosos, tranquillos, sem sombra de medo, como que espiando-lhe os movimentos, ficou desarmado e desatou a abraçal o e a beijal-a doidamente.

Era d'estes castigos que o pequeno recebia. Os paes não tinham coragem de lhe bater.

Um dia—facto estranho!—appareceu o Joãozinho em casa, com um gatinho ao collo. Pasmou toda a familia. Na cosinha foi uma festa, entre as creadas velhas. Mas ai! essas esperanças duraram pouco. O Joãozinho, dotado de genio despotico, quiz que todos os gatos e cães da casa e suas dependencias, respeitassem o seu favorito. E foi peor a emenda da regeneração, do que o soneto da mesma.

Gato que corresse adiante do Laranja (nome que elle havia posto ao bichano por causa da sua côr amarella) não lhe dando a primazia, apanhava o seu *biscoito*.

Rebentava então grande charivari, porque o Joãozinho ás vezes tinha de se haver com toda a criadagem, defendendo como um leão as prerogativas do seu pupillo. E era notavel a sua firmeza, misturada de uma tranquillidade risonha, com respostas e chistes que desarmavam toda a gente.

Não se tinha pois modificado aquelle juvenil character com a sua espontanea affeição ao Laranja, antes o pobre bicho veio tornar-o mais pessoal, mais auctoritario, pois que, não se limitava já a impor-se elle mesmo, queria que respeitassem tambem os caprichos do seu favorito.

O pae, como todos os paes, illudiq-se, tomando por uma evi-

dencia flagrante o que não passava do vehemente desejo que sentia de que o filhinho fosse bondoso. Um facto espantoso veio demonstrar-o.

Um dia estava o Laranja a fazer grandes tropelias no jardim, em intima camaradagem com outros gatos, n'um momento de folga em que o João se achava entregue á difficil operação de pôr um sino na torre de uma soberba abbadia, que pedira ao pae para lhe mandar fazer.

O religioso edificio erguia-se n'um recanto do jardim, no meio de um formoso taboleiro de relva, que fazia destacar o seu deslumbrante estylo *Couve flôr*, como diria Tackeray se o visse.

Estirou-se ao comprido na relva, com o rosto voltado para o gato e principiou a chamal-o meigamente. O Laranja, que o espirava de longe, apenas o viu n'esta deliciosa posição, deitou-se tambem de barriga para o ar com as quatro patinhas brancas levantadas airoosamente e a cauda n'um movimento compassado; depois, levantando-se de salto, correu a entregar-se, como um gatinho sem experiencia, nas garras do seu inimigo.

Abraçou-o, com affectado carinho o traçoeiro rapaz, e com elle ao collo, correu para a abbadia e atirou-o para dentro, fechando a porta.

A abbadia, com as janellas fechadas, não tinha outra saída senão a torre, e para chegar lá não havia outro meio, senão marinhar pela corda do sino. O gato, desejando sahir, treparia pela corda e principitaria o sino a badalar. Mas com grande espanto do Joãosinho, o gato não mostrou nenhuma aptidão para sineiro; em compensação, denotou optimos pulmões para o côro, porque desatou n'um miar desesperado por detrás da porta da igreja, que era mesmo de arripiar as carnes.

O pequeno teve então uma idéa infernal: obrigar o Laranja a subir á força á torre, para não morrer queimado. E lançou fogo á abbadia, deitando-lhe para dentro um molho de palha.

O Laranja, assim que viu a palha a arder, agarrou-se como um valente á corda do sino, que principiou a tocar a rebate. O Joãosinho, radiante, dava palmas e gargalhadas esplendidas.

Mas o infeliz Laranja não podia trepar pela corda, por ser muito delgada e não offerer tensão. Assim, em breve deixou de tocar, correndo grave risco de ficar reduzido a torresmos.

Abriu-lhe immediatamente a porta o Joãosinho, mas o pobre bichano já não dava signal de vida. Estava morto, a um canto, por asphyxia.

Correu a pavorosa noticia e grande foi a indignação geral, que cahiu como chumbo derretido sobre a cabeça do pequeno tyranno. As velhas faziam o signal da cruz, e quando elle passava diziam:

—Deixa estar, que hasde ter sete annos de trabalhos e desgostos. Olé!

O pae, homem intelligente, mandou empalhar o gato e collocar-o na sala, com o seguinte distico: «O Laranja, gato de estimação. Deveu a morte a uma crueldade do Joãosinho, que é um tyranno para os animaes.»

Como este libello estava na sala, calcule-se quanto elle instigava o bichinho da curiosidade das visitas bisbilhoteiras. Era um supplicio permanente para o Joãosinho, a repetição diaria dos seus feitos,

O pae espionava-o, a ver se aquelle castigo, inteiramente moral, lhe acirrava mais o odio contra os animaes, o que seria indicio infallivel de um character vingativo e originariamente mau; mas com grande satisfação, viu que o rapaz não se tornara sombrio e que apenas se resentia quan-

do fallavam diante d'elle na famosa tragedia, tendo modificado profundamente o seu procedimento contra os animaes uteis, cujo direito á vida elle agora reconhecia.

Raymundo Guimarães, um dia, tirou-se dos seus cuidados, fazendo-lhe um bonito sermão, e sob promessa solemne de que não tornaria a fazer outra, mandou a um ferro velho a pelle do desgraçado Laranja.

Cresceu, fez-se homem o Joãosinho, mas nunca mais entrou na sala, sem que, por um sentimento instinctivo de terror, não olhasse de soslaio para cima da banca onde antigamente o Laranja, n'uma medonha impassibilidade de esphinge, o fitava com os seus olhos de vidro.

Nunca mais.

JOSÉ MARIA DA COSTA.



A RESURREIÇÃO

A abbadia era grande bastante para poder andar uma pessoa em pé d'entro d'ella, e era muito airosa com os seus corucheos e a sua torre rematada tambem em flecha.

Posto o sino a repique, um sino famoso, de perfeita liga, vibrante e grande bastante, teve de subito o Joãosinho uma idéa. Quando elle tinha idéas, era de tremer.

—Vou fazer o Laranja sineiro, exclamou elle.

E sem mais reflexão, correu para o jardim á procura do seu favorito.

Afastaram-se prudentmentee todos os sagazes gatos, como que industriados n'um odio commum pelas creadas, contra o seu joven senhor, e só ficou, sem sombra de medo, o Laranja, fitando os seus olhos claros e limpidos no memino. Ao approximar-se, porém, o Joãosinho, e ao querer deitar-lhe a unha, um pouco precipitadamente, escapou-se o Laranja, estranhando-lhe o modo, mas o pequeno, grande observador como todos os rapazes maus e traçoeiros, tinha estudado as manhas e costumes dos animaes que queria martyrisar. Assim, poz logo em pratica uma *ficelle*.

Administração — Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica